



Suplemento
do Jornal
CONTEXTO
PASTORAL nº 17
Novembro/
dezembro
de 1993



Debate

Leitura bíblica: um mutirão ecumênico

A Bíblia apresenta uma singela novidade: ela está voltando à comunidade. Não mais de "cima para baixo" mas mediante um trabalho bíblico feito com a comunidade, com sua participação. Cada vez mais grupos e pessoas estão-se encontrando para, juntos, passo a passo, descobrirem e se descobrirem na interpretação bíblica. A Bíblia chega, enfim, às velas abertas dos povos latino-americanos. DEBATE apresenta uma série de artigos e reflexões sobre esse jeito novo de ler a Bíblia: ecumênico e comunitário.

TERRA DA LIBERDADE
Maurício Waldmann
Página 8

**JUSTIÇA:
VASCULHANDO
UM TESOURO**
Paulo Roberto Garcia
Páginas 10 e 11

JEITOS BÍBLICOS
Milton Schwantes
Páginas 15 e 16

Mural de Imgard / Foto Giianne Carvalho - Imagens da Terra



AMOSTRAS

A Bíblia Hoje é uma Bíblia situada, contextualizada. Justamente por isso sua leitura insiste em inovar.

Não há um padrão ou um molde que seja suficiente. Ajustar a Bíblia a um modelo seria o contrário de tudo o que temos experimentado nestas últimas décadas na América Latina. Ora, até mesmo querer fixar algum molde, modelo, padrão libertador incorreria no mesmo erro.

A Bíblia se vai fazendo libertadora, pois rompe moldes, escapa de controles, sejam eles de um ou de outro formato.

De fato, cada pão repete a receita anterior, mas difere

também de tudo o que lhe antecederá. Cada pão difere do outro, do anterior. É o que lhe dá o gosto. Pão "semprigual" — que chatice que seria!

Por isso, estamos apresentando aqui um suplemento que são amostras. Uma diferem das outras. Cada uma aventura por novas pistas. Testa possibilidades.

As tradições aqui reunidas são variadas. Leia para crer. Temos aí um verdadeiro buquê



Claudius Ceccon

DEBATE

Suplemento do jornal
Contexto Pastoral n° 17
novembro/dezembro de
1993

Publicação do Centro
Evangélico Brasileiro de
Estudos Pastorais —
CEBEP (Rua Rosa de
Gusmão, 543 — 13073 —
Campinas SP —
Tel. e fax: 0192-411459)
e do Centro Ecumênico
de Documentação e
Informação — CEDI
(Rua Santo Amaro, 129
— 22211-230 — Rio de
Janeiro RJ —
Tel. 021-2246713 e
fax: 021-221-3016)

Neste número:

Editores

Milton Schwantes
Jane Falconi F. Vaz
José Adriano Filho

Editores-assistentes

Magali do Nascimento
Cunha
Paulo Roberto Salles
Garcia (MTb.18.481)
Carlos Cunha

Conselho editorial

José Bittencourt Filho
Marcos Alves da Silva
Paulo Roberto Rodrigues
Rafael Soares de Oliveira

Diagramação

Anita Slade

Fotolito e impressão

Tipológica Comunicação
Integrada

Tiragem

10 mil exemplares

de flores. Cada flor se abre para novos perfumes, para novos desafios. Nenhum deles quis ser definitivo. Só é amostra. Mas, mostra, e muito!

Entretanto nada é neutro. Nenhuma dessas amostras é acaso. Todas vêm carregadas pelo horizonte da justiça. É o que se repete.

Sim, nada está aí por acaso. Cada amostra vem de dentro de grupos bíblicos. Não é aventura de solitários. É fruto de grupos, de comunidades. E aponta para lá. Apresenta leituras solidárias.

SINAIS E MILAGRES

Milton Schwantes

A Bíblia já não é mais a mesma. Profundas foram as mudanças pelas quais passou nestes últimos tempos na América Latina. É evidente, na letra da Bíblia, nada, absolutamente nada foi alterado. Por certo, surgiram novas traduções, resultantes até mesmo do renovado interesse. Mas, nenhuma dessas novas traduções quis alterar uma letra sequer. Esforçaram-se todas, para serem exatas, fiéis.

A mudança não foi na letra, não. O impacto é mesmo do Espírito. Este sim, o Espírito, é quem move uso e leitura da Escritura. E vem mudando a Bíblia. A inovação é de ordem espiritual.

Ora, a obra-prima do Espírito é a comunidade.

O novo que ocorre é, pois, singelamente este: A Bíblia está voltando à comunidade. As leituras bíblicas desafiadoras, cativantes, inovadoras são as que têm seu assento nas comunidades.

Alguém poderá vir a protestar: Mas, não era isso que se fazia?!

Antes de mais nada, vale protestar! Vale afirmar sua opinião! Vale contestar! Em certa medida, isso já faz até parte do novo. Pois, nos grupos bíblicos em que fui reaprendendo a Bíblia, sempre prevalecia justamente este protesto, esta voz discordante. Portanto, proteste e discorde, pois esta é a estrada.

LENDO COM A COMUNIDADE

Mesmo assim me atrevo a dizer: Isso de a comunidade participar no estudo da Bíblia não é novo. Havia, sim, e continua a haver

aos montões trabalhos bíblicos feitos para a comunidade.

Novo é o trabalho bíblico feito com a comunidade, com sua participação.

Onde entra a comunidade, com sua palavra, sua pergunta, entra também a vida de cada dia, entram os problemas para dentro da Bíblia.

Isso é meio inevitável. Não há quem possa doutrinar uma comunidade a ponto de excluir a vida. Não a da América Latina, vida violenta, vida negada, vida sofrida, vida lutada, dia-a-dia. Só mesmo calando a comunidade é possível tornar a Bíblia algo morto em nosso continente.

COISA POUCA, PEQUENA!

Por certo, este novo é coisa pequena, é quase insignificante. É um detalhe só o que diferencia a comunidade que participa, que torna sua palavra sua experiência relevante para a interpretação da Escritura.

É uma minúcia o que diferencia dois jeitos de ler a Bíblia em comunidade. Na reunião do grupo bíblico, um detalhe marca a diferença.

A leitura bíblica pode ser encaminhada, uma vez mais, como já vem ocorrendo há anos, há décadas, há séculos: a Bíblia pode, mais uma vez, "ser explicada de cima para baixo". E as pessoas calma e respeitavelmente! — o povo pobre é assim mesmo: bondoso, calmo, respeitoso — vão aguardar que chegue o final que, na saída, se possam trocar algumas rápidas palavrinhas com um amigo estimado, tirar umas dúvidas na cozinha.

Ou o grupo bíblico pode fazer-se a partir das palavras, das vidas, dos gestos, dos temores,

dos anseios das pessoas. E aí a Bíblia começará a ser outra. Sim, será outra! Em muitos grupos bíblicos, já é outra.

O que dá graça é uma Escritura com vida. Uma Bíblia molhada pelos suores e pelas esperanças da gente, isso sim é texto gostoso.

Uma tal Bíblia nem de longe é comparável com aquela outra "explicada de cima para baixo", sem vida, seca como palha, autoritária.

Essa Bíblia que mais parece palha, sem vida e sem cheiro, é Bíblia lida sem o Espírito. É uma 'leitura carnal', carregada pelos interesses de dominação.

Bíblia lida com nossa vida, assume os contornos de 'leitura espiritual', carregada pelo sopro da liberdade das palavras e pelas histórias das pessoas, nas quais sopra o sopro do Sopro Santo, do Espírito Eterno.

Veja, são minúcias. Detalhes fazem a diferença. É que a vida é assim. Está cheinha de detalhe. Nosso próprio nascer: Que detalhe! Que milagre!

Uma Bíblia renascida, nova não é outra: suas letras são as mesmas.

E ainda assim é outra: Gente falando é outra coisa que gente silenciando. A diferença é pequena, mas é como se abismos lhe estivessem interpostos.

Estamos experimentando vida, gesto, palavra das pessoas da comunidade como centrais para explicar a Bíblia. O novo é a leitura espiritual, entendida como leitura feita em comunidade e por comunidade.

DE REPENTE!

E isso se dá assim de repente? Em parte sim, num certo mo-

mento, você passa a entender o que é liberdade. Passa a diferenciar liberdade de opressão.

Quando pequeno, não sabia pôr meu casaco, no inverno. É que sempre me atrapalhava. Punha o braço na manga errada. Mas, ainda me lembro: um dia — que descoberta! — consegui acertar o braço certo na manga certa. E aí deu. Consegui pôr meu casaco. De repente, sabia. E já não mais esqueci.

Mas, também não é sempre assim. O caminho é longo. Uma jornada toda espera por você.

Quantas hão de ser as reuniões de comunidade que lhe dão aquela gana de tomar a palavra e dizer o que “parece ter que ser dito”? Quantas recaídas para dentro do velho sistema “de cima para baixo”!

Outras tantas vezes você se surpreenderá porque a democracia que vai colhendo seus primeiros frutos no grupo bíblico, descaradamente, será aproveitada por algum ‘intruso’ que dará seu recado direto “de cima para baixo”.

Surpresas é que não faltam.

Importa não perder a perspectiva. A Bíblia só será nova se a palavra for de todos, de todas, e também das crianças.

Mas é a participação da comunidade, passo a passo, que faz a diferença. Eis o milagre!

SIM, MILAGRES

Milagres estão acontecendo. Sim, grupos bíblicos são tais maravilhas. É o que experimento.

Nas pequenas comunidades, reunidas ao redor da Bíblia, acontecem novos sinais. Em casas e abrigos, em favelas e cortiços, pessoas juntas no cântico e com o texto sagrado, são sinais. Dão amostras do novo.

As pessoas perguntam. Querem saber. Isso já é um milagre. É que nos ensinam não ser bom perguntar. Quem pergunta: Por que existem tantos pobres? Ora, ensinam-lhe que não convém perguntas. Que é feio, dizem.

No grupo bíblico, se pergunta. É assim que começam as descobertas. Por aí têm início os diálogos. Nos grupos bíblicos, experimento pessoas descobrindo o direito da dúvida.

Na dúvida, começa a história. Aí tem início a trajetória dos pobres. A Bíblia autoriza as mulheres a pôr dúvida, sim dúvida em tudo, até se sua origem seria a tal costela de Adão. Será?

Quem diz: “Será?” furou o bloqueio. Passou pela fileira de policiais que impede o acesso ao que de direito é de todas e de todos.

É que quem pergunta, no fundo, já sabe. Começa a participar da conversa. Solta a língua, cheia de saber, repleta de perguntas. E também repleta de dor, de protesto, de choro.

E o seu choro só pára quando você vai à solução. Choro não é eterno. Chega o momento em que ele vira prontidão: Agora, chega! Vou mudar! Que posso fazer?

O grupo bíblico é um desses milagres no meio do povo. É plantinha, frágil por certo. E nem há plantinha que não seja frágil. Mas, uma vez que finca pé, não há torrão que lhe resista. Planta sempre acha uma brecha.

Leitura da Bíblia em comunidade cria brechas...

Igreja sem nova Bíblia, sem Bíblia-Comunidade, coisa velha é que é, ainda que seja bem moderninha, pós-moderna até.

Milton Schwantes é teólogo e biblista e integrante do Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI.

DICAS DE LEITURA

SÉRIE "MOSAICOS DA BÍBLIA"

Publicação trimestral que reúne textos do campo bíblico que circulam entre colaboradores e participantes da produção de conhecimento do Programa de Assessoria à Pastoral.

1. Os ninivitas creram em Deus Milton Schwantes
2. Vem, Espírito Paulo Roberto Garcia
3. Na voz das mulheres Nancy Cardoso e outras

4. Jonas Zwinglio Dias e outros

5. Misericórdia quero Roberto Zwetsch

6. Mulheres na prática da justiça e da solidariedade Ivoni Richter Reimer

7. História de Israel Milton Schwantes

8. Bíblia e Ecologia Ivo Storniolo e outros

9. Introdução à leitura bíblica Jane Falconi e outros

10. Interpretação bíblica na Igreja Oriental Antiga Duncan Alexander Reily

11. Esperança na justiça Haroldo Heimer

Assinatura anual (4 exemplares):
CR\$ 800,00

Exemplar avulso: CR\$ 300,00

SÉRIE "LEITURAS DA BÍBLIA"

Coleção de textos que buscam aprofundar a memória da Reforma Protestante à luz de sua releitura da Bíblia.

COM ORGULHO...

Jane Falconi F. Vaz

Um dia desses estava na fila de um banco e uma senhora começou a conversar comigo. Reclamava de muitas coisas. Havia sido maltratada por um colega de trabalho que se referiu à sua "pouca inteligência" como coisa típica de mulher. Como se não bastasse o marido a ofendia, cobrava sua quase que "obediência" e dizia-lhe que isso era a vontade de Deus já que "as mulheres vieram da costela de um homem"! Mulher simpática, trabalhava fora e em casa e após aquela ida ao banco, restavam-lhe vinte minutos para buscar um filho na escola. Ia de ônibus.

É possível que alguém diga que também as mulheres é que ficam a conversar em filas de banco, ou em qualquer lugar, falando logo de seus problemas, ou fazendo queixas. Talvez as mulheres se "abram mais" não tendo muita necessidade de manter uma fachada de "forte", de quem resolve e dá conta de tudo. A verdade é que às vezes uma simples conversa na fila de

um banco pode aliviar certas dores!

Não vou aqui discutir sobre quem fala mais ou onde fala mais.

A verdade é que esse fato me fez pensar em algumas questões que envolvem a nossa criação e formação. E nessa criação não pensei só em pai, mãe, igreja, influências de pessoas marcantes, mas fui bem longe. Lá para a origem. Na criação do mundo e dos seres!

Com certeza, não foi aquele marido o único que se expressou assim, para justificar sua "superioridade". Já ouvimos muitas vezes a mesma história, mudando a(o) personagem, o local, mas sempre com o mesmo enredo.

Durante muito tempo aceitamos isso, passado de avós, tias, mães, pais. Talvez nem soubéssemos como questionar. E o aceitar já nos tornava "subordinadas" a uma decisão que fizeram a nosso respeito. Mas não era essa a vontade de Deus? Por

acaso, estaríamos questionando a sua Palavra?

Pensando naquele fato e refletindo sobre todos esses aspectos, pensei em textos do relato da criação.

Proponho a releitura de Gênesis 1. Vamos pensar mais especificamente em Gênesis 1,27:

Criou, pois Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus os criou; homem e mulher os criou.

Fica claro que Deus criou o homem e a mulher. Nada aqui nos diz que o homem foi criado primeiro e a mulher a partir dele. Na frase inicial a palavra homem está se referindo genericamente a homem e mulher porque além de ser um vício comum usar-se o masculino para representar os dois, a própria continuação do verso diz *os criou* e continua: *homem e mulher os criou*. Isso reforça a idéia de que Deus criou o homem e a mulher e não se encontra justificativa para privilegiar a criação do ho-

1. Lutero

"Aspectos históricos" (Paulo Wille Buss); "Possibilidades e limites" (Hermann Wille); "Teologia e Bíblia" (Martim N. Dreher).

Preço: CR\$ 400,00

2. Calvino

"Introdução a Calvino" (Odair Pedroso Mateus); "Calvino: aspectos históricos" (Duncan A. Reily); "O trabalho exegético de Calvino" (Jan van den Berg).

Preço: CR\$ 400,00

3. Wesley

"Introdução a Wesley" (José Carlos de Souza); "Teologia e

Bíblia em João Wesley" (Rui de Souza Josgrilberg); "João Wesley e a interpretação da Bíblia" (Tércio Machado Siqueira).

Preço: CR\$ 400,00

4. Método

histórico-crítico
"Origem do Método Histórico-Crítico" (Martin Volkman);
"Sobre a História do Método Histórico-Crítico" (Friedrich Erich Dobberahn);

"Método Histórico-Crítico Hoje" (Ely Éser Barreto César).
Preço: CR\$ 580,00

As publicações estão disponíveis no CEDI — Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro, tel: (021)-224-6713 e fax: (021)221-3016, e Av. Higienópolis, 983, 01238-000, São Paulo, tel: (011)825-5544 e fax: (011)825-7861.

Para assinaturas, devem ser enviados pedido e cheque nominal ao CEDI, a/c Setor de Distribuição. Preços válidos até 31/12/93.



mem (ser humano do sexo masculino). Ambos foram criados!

É sabido, nas ciências mais simples e constatáveis na prática, que o ser humano, homem ou mulher, nasce do corpo de uma mulher. O corpo que abriga o outro e o guarda até que esteja pronto para vir é o corpo feminino. Qualquer ser humano nasce de uma mulher. Nunca se viu na natureza ninguém nascer de uma costela!

É importante também verificarmos quando o verso diz: *à imagem de Deus os criou*. O homem e a mulher foram criados à imagem de Deus.

Se há poder, se há glória na criação *à imagem*, isso se aplica aos dois.

E ambos deveriam dominar, isto é, cuidar da terra. E não o homem dominar a mulher. Na verdade há o propósito de cuidar em relação à terra e ao que nela está contido. Vejo assim também o cuidar de um ser em relação a outro! Sem ordem de dominar ou ser superior!

É muito bonita a criação. Foi dado a nós o poder e a glória de termos sido criados. Isso não aconteceu para criar disputas, ou relações de superioridade.

Desde o início não fomos a parte menor, ou sem importância. Nunca foi dito que seríamos inferiores ou comparadas aos animais que rastejam. Somos seres. Pessoas dotadas do mesmo organismo, com suas células, tecidos, sistema nervoso, cérebro. Com o mesmo riso, choro, desejos, alegrias e tristezas. Temos uma anatomia diferente. E isso não é diferença de valor. É diferença anatômica mesmo, até porque sem esta não haveria o "fecundar", o "gerar" e o "nascer"!

Benditos sejam nossos companheiros que fecundam com e geram com e podem participar do nascer para...

Mas, não vamos aceitar o discurso da superioridade, porque o mesmo é usado para legitimar a dominação sobre a mulher mas não encontra base científica, tão pouco pode se apoiar no relato bíblico da criação.

Isso tem sido sofrimento para várias gerações.

Mas somos mulheres. E como tal, estamos, queremos e ousamos!

Vamos continuar a nossa caminhada, de luta sim, mas de muita alegria e orgulho em sermos mulher. Quem sabe até...

apenas e tão somente mulher. Dá pra sentir que mesmo dizendo apenas mulher, o sentido não fica menor? Que de qualquer modo dá uma idéia de muito? É isso o que somos. O muito do apenas!...

Conviver e conversar com diversas mulheres, em comunidades distintas espalhadas por este Brasil e esta América Latina tem me mostrado e ensinado que, guardadas as diferenças culturais, geográficas, a essência da questão não muda.

Para todas nós mulheres, partes do todo sofrido deste continente há que se dizer, cantar e celebrar a beleza do ser mulher. Nada contemplativo, mas, incentivo a não desistir, a acreditar naquilo que somos, e que podemos contribuir para mudar. Há um horizonte à frente. À ele nos indicam nossos passos. Com nossos próprios pés. Com fé e esperança. Audazes. Lutando por uma vida melhor. Criando e expandindo comunidades libertadoras, para nós, nossos companheiros, filhos e filhas.

Jane Falconi Ferreira Vaz é bióloga, mestra em química, educadora e integrante da equipe do Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI.

MULHER PENTECOSTAL...

Elizabeth Salazar Santana

Nunca pensei que pudesse falar algo da Palavra de Deus. Sou tão sem memória, mas Deus manda e obedeço. É um privilégio. Creio, sem dúvida, que é seu Espírito Santo quem nos ensina e nos diz o que falar. Não sou eu quem fala. É Deus quem fala por mim. Sou um instrumento em suas mãos. Assim deve ser com todos, para serem realmente discípulos.

Este texto, sem dúvida, reflete o pensamento das(os) pentecostais a respeito da Bíblia e da leitura que dela fazem. Se falamos da mulher pentecostal, em primeiro lugar devemos dizer que sua presença nas igrejas pentecostais é numericamente majoritária. Sua presença nos cultos e nas diferentes atividades das comunidades leva-nos a observar que a mulher, desde o início do pentecostalismo aderiu a este movimento, mas seu lugar tem

sido secundário e é considerada "a companheira idônea" (entenda-se cristã de segunda categoria). Sem dúvida, como uma situação paralela observa-se também que em quase todas as congregações, a mulher tem atualmente participação ativa, em algumas congregações liderança diaconal ou pastoral, o que nos faz constatar que existe uma conquista de espaço muito importante.

Nosso olhar está voltado para a sua relação com a Bíblia, a imagem e a leitura que fazem dela.

A Bíblia, para o movimento pentecostal, tem uma importância muito grande. Tratada quase que como um amuleto, é levada como um objeto sagrado para todo lugar e atribui-se a ela uma grande força de proteção e imagem do sagrado. É "a Palavra de Deus entre a humanidade".

Para os que nasceram em meios pentecostais, é muito fácil (até sem querer) memorizar uma grande quantidade de textos da Bíblia como se fossem "cantigas de roda". Nossa vida é envolvida por versículos bíblicos e a presença da Bíblia em mesas, armários, cozinhas e salas, ou seja, em toda a casa, leva-nos a conhecer até os mínimos detalhes desse livro de capa preta, ainda que nossas mães e pais fossem analfabetos.

Se considerarmos que nessa imagem da Bíblia tem-se a chave de entrada e de contato com o que ela diz, deparamos com a realidade de que as primeiras interpretações que escutamos são dos líderes (homens) das igrejas. Nos espaços que a mulher ocupa nas congregações e cultos de oração, é ela que se depara com a leitura e exortação da Bíblia. A leitura é sempre permeada pelos discursos que ela escutou dos púlpitos. O que há de novo ou de atrativo nisso?

Não quero interpretar a assistência massiva a esses grupos chamados "das mulheres", mas levantar a suspeita de que a atração-chave e especial neles ou "espaços da mulher" é a aproximação à Bíblia através de suas próprias vidas. Em minha congregação, durante um culto de senhoras, ouvi de uma visitante europeia: "não fizeram exorta-



Toninho Muricy

ção da Palavra, só a leram e contaram experiências". É uma boa constatação, é isso mesmo: um tecido de experiências e aplicações da Bíblia às suas vidas cotidianas. É essa sua reflexão. Além disso, para a(o) pentecostal, a Bíblia é um descobrimento do dia-a-dia, o tesouro que a(o) acompanhará até a morte.

Consegue-se com isso fazer da Bíblia algo próximo? É a Palavra de Deus que fala e se identifica com ela?

Aqui não se pode ser idealista e generalizar positivamente. Minha experiência com os diferentes grupos de mulheres pentecostais leva-me a entender que existem mais ou menos três tipos de aproximação da Bíblia e de sua leitura. O primeiro é mais a repetição do discurso masculino literalista, aprendido nas congregações. O segundo é o que se aproxima dos textos com suas próprias experiências de vida e dão uma interpretação ou aplicação segundo suas necessidades. O terceiro é mais renovado e está crescendo fortemente nos grupos de mulheres mais jovens (especialmente no Brasil): é a leitura com uma ótica crítica, com informações além do texto que ajudam numa melhor interpretação. Esta forma, ainda que nova, avança rapidamente nos meios pentecostais e conseguiu conciliar a experiência de vida

com a Bíblia com um instrumental maior de leitura.

Sem dúvida, apesar disso, a leitura da Bíblia nos meios pentecostais continua sendo a leitura da "Palavra de Deus". Se alguém exorta é considerado um instrumento de Deus. Não importa seu grau de instrução. Homem, mulher, negra(o) ou povos de origem, são

instrumentos de Deus que falam pelo Espírito Santo.

É o livro que acompanha, um monólogo que se faz diálogo no viver diário. É o conselho, o decálogo, a frase amiga, e sempre estranha, atrativa, cheia de mistérios e encantos. Muitas vezes a angustiada e solitária existência da mulher como ser humano na sociedade, leva a criar na Bíblia sua principal palavra de consolo, de direção, de alegria.

"Deus me falou", "necessitei de um conselho e aí estava a Bíblia", "nunca a deixo e sempre a levo a todas as partes". Não falemos dos erros de interpretação já que é um exercício livre, existencial e de fé! Enfim, a leitura da Bíblia é feita pela mulher pentecostal a partir dos olhos da fé e da necessidade cotidiana.

Eu te recordava com a alma apertada dessa tristeza que conheces de mim.

Então, onde estavas?

Entre que pessoas?

Dizendo que palavras?

Caiu o livro que sempre toma-se no crepúsculo, e como um cachorro ferido caiu a meus pés minha capa.

Pablo Neruda — Fragmento do poema 10

Elizabeth Salazar Santana é pentecostal chilena, mestranda em Ciências da Religião no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG), em São Bernardo do Campo.

TERRA DA LIBERDADE

Maurício Waldmann

O livro do Êxodo ocupa, junto ao imaginário judaico, um lugar de reconhecido destaque. A este livro da Bíblia Judaica se associam narrativas marcantes da opressão dos hebreus na terra do Nilo, do papel desempenhado por Moisés, da longa jornada pelo deserto na direção da terra "onde corre leite e mel" (Êxodo 3.17).

É com base no relato do Êxodo que se celebra uma das mais belas e conhecidas festividades judaicas, o *Pessach* — ou como passou a ser denominada no mundo cristão, a Páscoa. Celebrada pelas comunidades judaicas de todo o mundo, nessa festa, realizada no âmbito familiar, o pai da casa repete uma prédica que tem-se mantido inalterada durante milênios: "Vejam, este é como o pão da aflição que nossos pais comeram na terra do Egito" (referindo-se ao pão ázimo, sem fermento, ao "matzá"). "Mas", continua, "agora estamos aqui — que estejamos no ano que vem na Terra de Israel, agora somos escravos, que sejamos livres no ano que vem". *Pessach*, considerada como a mais querida entre todas as datas do calendário judeu, tem origem numa sucessão de eventos muito conhecidos do universo judaico-cristão, seja em ambientes laicos, seja nos religiosos. Quem não conhece episódios como as pragas atraídas pela má conduta do faraó? Ou cenas épicas como a passagem do Mar Vermelho? Ou, ainda, a entrega dos dez mandamentos e a destruição do bezerro de ouro?

O livro do Êxodo, por detrás dessas imagens, sugere uma série de afirmações. Primeiramente, e na seqüência ao primeiro livro da Bíblia, o Gênesis, torna-se bastante evidente a diferença

de Javé com os deuses adorados no espaço da Antigüidade Oriental. Javé não se confunde com forças cósmicas ou naturais. Não é uma divindade associada a uma repetição dos ciclos da Natureza. Javé é, sumamente, um Deus que comanda a história, que liberta o homem da escravidão e da opressão. Mais ainda, o Êxodo mostra um Deus preocupado com a libertação que acompanha o trajeto dos hebreus ao longo do Sinai, cuja glória preenche o santuário consagrado a ele (Êxodo 40.34-38).

Em segundo lugar, o Êxodo é uma narrativa claramente preocupada com a construção de uma



sociedade justa, diferente daquela que oprimiu os hebreus no Egito e, seguramente, das demais que então existiam em todo o Oriente Médio. A condenação da idolatria possui nítida associação com o repúdio aos sistemas religiosos identificados com um Estado opressor, que impõe trabalhos pesados de construção de cidades e nos trabalhos cuja dureza decorre de os seus frutos serem apropriados por quem não os produziu. Javé condena essa exploração, e por condená-la orienta um processo no qual crescentemente se revelam princípios de liberdade. Eles estão codificados naquele pilar central da religião judaica e das concepções monoteístas que é o Decálogo, ou os Dez Mandamentos.

Assim, o Êxodo traz diversas conclusões que extrapolam em muito o âmbito judaico, pois são universais. Com o Êxodo passamos a compreender que nenhum povo pode-se sentir livre quando subjuga outro povo; que a liberdade, mesmo sendo arduamente conquistada, não é inatingível; que ela pode ser marcada pelo surgimento dos falsos deuses, como os bezerros de ouro, que devem ser quebrados. Devemos sempre celebrar a experiência da liberdade. Ela é inseparável de um compromisso espiritual maior, centrado em Javé. A Terra Prometida não tem sentido quando pensada em separado de princípios éticos, de respeito à vida humana, aos frutos do trabalho, de uma nova relação entre os homens.

Portanto, o Êxodo não é um processo apenas exterior, é também interior. Interior porque devemos perder, deixar para trás aquilo que induz à idolatria do poder, à falsa promessa da servidão, mesmo a voluntária, pois a liberdade envolve provas de resistência e de tenacidade. E, acima de tudo, que apesar da possível dureza desse processo, há a certeza de que ao seu final somos por ele enriquecidos, pois passamos a habitar uma nova terra, não exterior a nós, mas, principalmente, um novo continente que nós descobrimos em nós mesmos.

Maurício Waldmann é judeu, sociólogo e antropólogo. É integrante do Instituto Cultural Israelita Brasileiro (ICIB, "Casa do Povo"), e autor de "Ecologia e Lutas sociais no Brasil" (Ed. Contexto, 1992). Colabora com o Programa de Assessoria à Pastoral (CEDI).

O EVANGELHO DOS SEM-TETO

Paulo Nogueira

Em 1992, fui convidado por meu colega Valmor da Silva para propor uma iniciação da leitura da Primeira Carta de Pedro numa reunião do Serviço de Animação Bíblica (SAB), em Belo Horizonte. O mês da Bíblia no ano seguinte (1993) estaria acoplado, como sempre, ao tema da Campanha da Fraternidade que seria: "Onde moras?" Daí saiu o guia intitulado "O Evangelho dos sem-teto" (Edições Paulinas, 1993, p.72).

Havia aí um problema praticamente insolúvel: como um texto bíblico (1 Pedro), poderia aprofundar uma reflexão tão atual e latino-americana como a da questão da moradia? A esta pergunta hermenêutica fundamental somam-se outros agravantes.

Em primeiro lugar a "má fama" de 1 Pedro. É famosa a leitura vertical desta carta que nos ensinará que a verdadeira pátria está nos céus e que somos nada mais do que peregrinos sobre a terra. Somente no pós-morte se realizará a nossa verdadeira cidadania. Esta leitura é muito representativa na história da interpretação de 1 Pedro, desde os Pais da igreja até os mais sofisticados exegetas alemães. Ler 1 Pedro de outra forma seria desafiar reverentemente a tradição da igreja.

Em segundo lugar, 1 Pedro é também conhecida como uma carta que prega um conformismo lesalentador. Ela parece querer que seus leitores se acostumem com o sofrimento. Mais ainda, o texto é lido como um incentivo à passividade diante do sofrimento, seguindo nada menos que o exemplo do próprio Cristo. Aqui havia uma barreira pastoral para superar: como levar esperança ao povo sofrido através da reflexão de um texto bíblico que é lido na maioria das vezes como incentivo a suportar "desesperadamente" o sofrimento?

Outra dificuldade era o fato de que eu, sendo pastor presbiteriano, deveria propor e, uma vez provada a proposta, levar a cabo uma reflexão para o mês da Bíblia, um evento católico. Até então não havia sido feita nenhuma experiência deste tipo. Como ousar num momento tão delicado ara o mundo ecumênico?

Alguns procedimentos foram fundamentais para desenvolver esta reflexão bíblica dirigida ao tema da falta de moradia. Voltemos às três dificuldades citadas acima.

1. O texto bíblico foi abordado de forma nova. Compomos com a leitura vertical da tradição. Para isto tivemos que utilizar o instrumental da exegese das ciências sociais. A interpretação do texto não foi totalmente original. Ficamos devendo muito à

contribuição de John H. Elliot ("Um lar para quem não tem casa" — interpretação sociológica da Primeira Carta de Pedro, Edições Paulinas, 1985). Mesmo não sendo de todo criativa, esta experiência deixa um resultado considerável: a vulgarização de um saber que antes era restrito a iniciados, no mundo exegético, que tinham acesso ao denso livro de John Elliot ou a outras obras em outros idiomas. Agora, o texto bíblico é acessível a um público muito mais amplo, numa perspectiva muito mais frutífera do que a original.

2. A passividade e a resignação aparentemente propostas em 1 Pedro foram relidas em um processo de discussão com os agentes de pastoral presentes à reunião do Serviço de Animação Bíblica (SAB). A prática pastoral destes companheiros e companheiras acabou por se fazer imperativa na minha interpretação do texto bíblico. A minha condição de intérprete inserido num contexto sócio-econômico, cultural e religioso específico foi assumida.

Um ano depois, na apresentação do texto em Belo Horizonte ficou claro que a leitura de 1 Pedro havia sido feita na verdade em mutirão. Muitas das diretrizes e questionamentos dos agentes de pastoral haviam sido, de uma forma ou de outra, inseridos no texto. Neste caso específico, o da incômoda passividade "sugerida" por 1 Pedro diante do sofrimento, esta foi transformada num "sofrimento pelo projeto de Deus" (este projeto traduzindo e substituindo "vontade de Deus"), a dor calada transformou-se em dor de parto, dor que é pré-anúncio de vida.

O texto bíblico foi lido a partir de dois eixos: primeiro o êxodo, onde a situação de peregrinação das comunidades é relida na tradição bíblica; segundo, o martírio. Do sofrimento exemplificado em Cristo e no próprio autor fictício, Pedro.

3. A barreira confessional só é uma barreira intransponível quando a confissão é o objeto maior. Não é o caso na interpretação bíblica latino-americana. Católicos e protestantes se unem, se não nas enferrujadas instituições, em projetos e utopias. O fascínio de ler a Bíblia com o povo é grande demais para ser contido por discussões mesquinhas. Houve um esforço no ousado convite. Honrado, tentei corresponder numa interpretação ecumênica e latino-americana.

Paulo Nogueira é professor no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião (IEPG), em São Bernardo do Campo/SP.

JUSTIÇA: VASCULHANDO UM TESOURO

Paulo Roberto Garcia

Por isso, todo o escriba que se tornou discípulo do Reino de Deus é semelhante a um pai de família que do seu tesouro tira coisas novas e velhas.
(Mateus 13.51)

Ler a Bíblia é um eterno surpreender-se. Como pode um livro antigo ser tão atual? A palavra justiça, tão enfatizada nos mais variados meios de comunicação, é um desafio que surge para a reflexão cristã hoje.

A Bíblia apresenta no evangelho de Mateus uma reflexão muito séria sobre o tema. Ao redescobrir o sentido que a comunidade de Mateus encontrou para a justiça, lançamos luzes para refletir sobre esse tema no momento atual. Ele está no coração da Bíblia.

JUSTIÇA E JUSTO EM MATEUS

Para percebermos o quanto Mateus valoriza essas palavras, é importante observar a ocorrência delas neste evangelho.

Das nove vezes que o termo justiça aparece nos evangelhos, sete estão em Mateus. Já o termo justo aparece trinta e uma vezes nos evangelhos, sendo treze em Mateus. Portanto, em Mateus a ocorrência do termo justiça é quase absoluta e a do termo justo corresponde quase à metade.

A constância do uso dessas palavras não só representa uma predileção pelo tema, mas aponta para uma situação que a comunidade enfrentava e diante da qual precisava se posicionar.

Busca em primeiro lugar o Reino de Deus e sua justiça (Mateus 6.33)

Havia duas práticas de justiça na sociedade onde a comunidade de

Mateus estava inserida. Como vemos em Mateus (5.20), uma era marcada pela discriminação, feita em favor de determinada classe e exigia obediência à lei.

Deste modo, essa prática se caracterizava pela aparência, sendo por isso uma prática hipócrita (Mateus 23.28,35).

A outra, proposta pela comunidade de Mateus à luz dos ensinamentos de Cristo, é apresentada como característica do Reino de Deus. Mas o que diferenciava essas duas práticas?

O Evangelho vai marcando essa diferenciação através de exemplos, histórias e ensinamentos, apresentando o que é ser justo e o que é praticar a justiça do Reino.

José, o justo (Mateus 1.18-25)

No primeiro capítulo, já encontramos um exemplo do justo que excede em justiça àquela prática discriminatória e aparente. José, estando comprometido com Maria, resolve abandoná-la.

É estranho que essa justiça seja representada por um homem abandonando uma grávida. O texto, contudo, está querendo questionar a lei.

De acordo com essa lei, José tinha o direito de colocar Maria em juízo e o resultado poderia ser a morte da mulher e da criança.

José, ao invés de usar a lei para defender "sua honra", prefere salvar a vida da mulher e da criança. Para isso planeja abandoná-la, tornando-se réu do juízo.

Embora, numa apropriação para hoje, a atitude de abandonar a mulher tenha seus limites, é fundamental destacar o princípio que o texto quer apresentar sobre a justiça do Reino. A vida da mulher e da criança tem valor e prioridade.

José é justo porque privilegiou a vida e não a lei.

João Batista (Mateus 21.32)

João veio no caminho da justiça (Mateus 21.32). Os que se afeiravam à lei não reconheceram João e seu caminho, mesmo vendo que publicanos e prostitutas criam.

Uma justiça que resgata a vida de publicanos e prostitutas não tem valor para eles, a ponto de João Batista acabar pagando com a própria vida por apresentar um caminho diferente.

Vinde, benditos de meu Pai (25.34)

No julgamento escatológico (capítulo 25, os justos (versículo 37) são premiados, pois atenderam a Cristo em sua nudez, fome, sede, enfermidade, cárcere. Ao ouvirem a benção perguntam quando foi que atenderam ao Cristo necessitado. E responde que as práticas em favor dos pequeninos são em seu favor.

A justiça aqui é apresentada como uma prática em favor dos necessitados, onde se incluem enfermos, encarcerados, famintos, sedentos. Categorias muito bem definidas daqueles que vivem à margem da vida e necessitam de atenção e cuidado.

O Deus da justiça (Mateus 5.43-48)

O Evangelho afirma que o próprio Deus é perfeito em sua prática de justiça. Por isso, dentro dos preceitos do amor ao próximo, o desafio é ser perfeito como ele.

Deus não faz acepção de pessoas e faz com que a chuva caia sobre justos e injustos.

Esta é uma característica marcante do Reino de Deus e aparece na prática de Jesus. Este, ao ser questionado por comer com pecadores, responde que veio chamar não aos santos e sim aos doentes. Por acaso os santos é que precisam de médico? (Mateus 9.10-13)

Deus e seu filho ensinam uma justiça onde não há espaço para a aceitação de pessoas. Mais uma vez o princípio da vida prevalece sobre as aparências e práticas legalistas.

Uma comunidade que sofre (Mateus 13.36-53)

Mateus não enfatiza este tema futilmente. É lógico que a comunidade enfrenta uma situação que justifica lembrar o ensinamento de Jesus.

Quando lemos as parábolas do Reino no capítulo 13, encontramos a do joio e a da rede. Elas são um caminho para compreendermos a situação da comunidade.

A parábola da rede mostra o Reino de Deus semelhante a uma rede que apanha todo tipo de peixe. Por isso, acaba tendo muitos peixes ruins, sem utilidade. Contudo, depois, haverá uma seleção.

A parábola do joio apresenta um terreno semeado com trigo, no qual um inimigo lança o joio. O problema é o que fazer, uma vez que no mesmo terreno estão o joio e o trigo. Depois da colheita haverá uma seleção.

As duas parábolas reservam um fim trágico para o joio e para os peixes que não têm valor. Na conclusão a parábola da rede apresenta: *Assim será o fim do mundo: virão os anjos e separarão os maus dentre os justos e os lançarão na fôrnalha ardente. Ali haverá choro e ranger de dentes.*

Este texto deveria indicar originalmente um julgamento geral. Colocado no fim da parábola da rede, enfatiza o julgamento

da comunidade. Aqueles (maus) que estão na rede do Reino de Deus é que no julgamento serão lançados na fôrnalha ardente.

Isso demonstra que a comunidade enfrentava dificuldades internas. Havia pessoas que não colocavam o Reino de Deus como o maior valor de suas vidas, como ensinam as parábolas do tesouro escondido e da pérola. Estas eram como o joio ou o peixe ruim que não servem para nada, a não ser serem queimadas na fôrnalha.

O mesmo tema é apresentado no capítulo 25, na parábola do grande julgamento. É o julgamento da igreja e daqueles que chamam a Jesus de Senhor.

O critério para a separação está na prática em favor dos necessitados. Ou seja, o critério de discernimento do Reino é a prática da justiça. É ser justo de acordo com os exemplos que o Evangelho apresenta.

NOS DESCAMINHOS DA VIDA — FORA DA PRÁTICA DA JUSTIÇA

Os que têm sua vida centrada em valores que não são reconhecidos pela comunidade como valores do Reino, apresentam uma prática fundamentada em uma lógica diferente da do Reino.

São apresentados como aqueles que têm uma prática que não dá preferência aos pequeninos, fracos e humildes, mulheres e crianças. Tal prática é discriminativa e geradora de morte. Viver sob essa lógica é ser joio em meio ao trigo, cabritos em meio às ovelhas.

UM DESAFIO RADICAL

O evangelho de Mateus aponta para um caminho radical, o caminho da justiça.

Neste caminho a vida é privilegiada a partir da periferia. Aqueles que vivem à margem da sociedade e do poder devem ser o centro da atenção e da prática. O caminho da justiça passa, por-

tanto, pelas margens da vida e da sociedade.

Com isso, a comunidade é chamada a viver à margem, como continuadora da caminhada dos profetas e justos, que andaram no caminho sem contemplar aquilo que a comunidade de Mateus pôde contemplar e crer — o Filho de Deus.

UM CAMINHO QUE NÃO TERMINA

O caminho trilhado por profetas, justos, Cristo e a comunidade de Mateus conduz até nós, hoje. O caminho da justiça é um desafio constante.

Mas, de que justiça estamos falando? Da justiça comprada, mediada pelos poderosos, influenciada pelo poder econômico? Da justiça em favor próprio, do levar vantagem em tudo?

Parece que ainda hoje existem conceitos distintos sobre isso. Nesses conceitos, o evangelho de Mateus é um desafio para os que buscam o Reino de Deus e sua justiça.

O Evangelho se faz atual quando desafia mulheres e homens a romper com os conceitos vigentes de justiça e praticá-la em favor da vida e do Reino.

É um caminho que, passando à margem do poder e da sociedade, nos aponta para a vida e para o Reino.

É surpreendente que desse tesouro antigo — a Bíblia — brotem lições e desafios tão presentes para hoje!

Paulo Roberto Garcia é pastor metodista, professor de Novo Testamento na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, em São Bernardo do Campo/SP, e colaborador do Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI.

AR, ÁGUA E LAMA, INAUGURANDO A HISTÓRIA DOS HOMENS

Vilson Caetano de Souza Júnior

Com este texto, nossa proposta é a de integrar a fala das tradições de origem afro na caminhada ecumênica, especialmente pela valiosa contribuição que podem dar ao diálogo intercultural

Escrever sobre um dos mitos da Tradição dos Orixás é algo muito difícil, por ser uma tentativa de penetrar no mundo da voz, do corpo, dos provérbios, dos instrumentos, dos sons, das orações e da memória dos antepassados, esta tão viva e presente no dia-a-dia da Religião dos Orixás. É oferecer água de um poço tão bem protegido pela oralidade de uma tradição, exercício que não diz respeito somente à fala. Então, antes de tudo, pedimos licença a nossos pais e mães, homens e mulheres que deram, muitas vezes, suas vidas a fim de ver preservado um patrimônio mais que cultural, que hoje é nosso. Assim é contado um dos mitos que fala não da criação do mundo, mas da origem das origens:

"Olorum era uma massa infinita de ar. Quando começou a mover-se lentamente, a respirar, uma parte do ar transformou-se em massa de água, originando Orixalá, o grande Orixá Funfum, orixá do branco. O ar e as águas moveram-se conjuntamente e uma parte delas mesmas transformou-se em lama. Dessa lama originou-se uma bolha avermelhada e lamacenta. Olorum admirou essa forma e soprou sobre o montículo, insuflando-lhe seu hálito e dando-lhe vida. Essa forma, a primeira

dotada de existência individual, um rochedo de laterita, era Exu" (Juana Elbein Santos. *Os Nagôs e a Morte*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986).

A Tradição dos Orixás quando fala de suas origens, não faz uso de grandes conceitos, mas de palavras, imagens e experiências profundas que fazem parte da vida das pessoas. Talvez este seja o motivo mais forte que faz com que, ainda hoje, tal relato seja guardado, contado e reconitado com tanto carinho e vivido pela tradição oral, mantida viva nos terreiros ou fora deles.

Olorum, o Deus criador, "massa de ar", inaugura o tempo, a vida, a criação. Para quem acostumou-se com extensos tratados sobre a "natureza de Deus", ouvir que no princípio existia o ar, um ar infinito, é uma decepção. Mas isso, para a Tradição dos Orixás, diz muito. Por isso, quer seja como hálito (emi) ou "ar divino" (ofurufu), a existência é inaugurada pelo mover lentamente desse elemento. Falar no ar é falar na vida. É fazer uso de um princípio natural que está em tudo e em todos, uma força que se sente, cria algo mas não se vê, apenas se experimenta. Evocar o ar é lembrar que por meio dele liberamos o som, as palavras, veículos vivos, indispensáveis à conduta humana.

Uma vez o ar movimentando-se lentamente, temos a água — Orixalá — e como as águas são importantes para nossa Tradição! O ano litúrgico inicia-se com o ciclo das águas. Orixalá representa toda a humanidade, todos os povos, todas as raças, tudo o que tem vida, as árvores,

os pássaros, os peixes, enfim, tudo o que foi criado e o que ainda não foi criado, o que é simbolizado pela cor branca. É preciso, todavia, algo mais concreto, e o mito segue contando que uma parte do ar e da água transformou-se em lama. Agora temos a terra, e mencioná-la é chamar as Origens, as Cidades Sagradas, os Orixás. Molhar a terra com água é relembrar um ato criador. É imitar Olorum que hoje continua criando por meio dos Orixás.

A Tradição dos Orixás não usa grandes conceitos mas palavras, imagens e experiências das pessoas

Da unidade AR-ÁGUA-LAMA originou-se uma bolha, primeira matéria dotada de forma. Exu é o símbolo da criação, é o projeto de todos os homens e de tudo o que existe e a confirmação daquilo que até então tinha sido feito. Exu é o primeiro, por isso ele está em tudo e de tudo participa. Ele é mais que um mensageiro, daí ele estar nos caminhos, nas esquinas, nas ruas... Infelizmente transformaram Exu em "diabo" e autor do mal no mundo das religiões. Exu não é nem espírito inferior, nem escravo, nem muito menos energia negativa. É um orixá. E não é por ele estar mais próximo do homem que este pode ser representado somente como "bêbado", "prostituta", "miserável", "malandro". Exu é também a esperança, é o grito, o riso, a

Molhar a terra com água é lembrar um ato criador

fala, o luxo, a ousadia. E, aí de nós se não tivéssemos o nosso Exu.

Há muitos outros mitos que ajudariam a compreender melhor tudo isso que acabamos de relatar acima. Certamente muitos gostariam de saber o que foi feito após a Criação. A tradição oral nos responde: Depois de o

mundo criado, Olorum jogou as coisas e cada Orixá pegou um elemento para si: Ogum, o ferro; Oxóssi, os instrumentos de caça; Ossaim, as folhas; Oxum, a maternidade; Obá, a estratégia da guerra; Xangô, o machado da justiça; Oxalá, o cajado da paz; e assim por diante. [Sobre outros mitos da Tradição Oral, conferir *Contos Criolos da Bahia*, de Mestre Didi]

Os Orixás são, assim, a certeza da presença de um Deus que quer a vida de todos no mundo. Bom seria se renunciássemos a

nossos conceitos, e com os Orixás pegássemos as armas da vida, da paz, da justiça e do amor. Certamente faríamos do mundo um lugar mais humano e mais feliz, pois lembraríamos no ar, na terra, nos rios e nas árvores a ação do Criador, e o seu incansável trabalho de recompor a criação sempre.

Vilson Caetano de Sousa Júnior é católico e estudante de Teologia na FAE/SP. Pesquisador do candomblé.

JUSTIÇA E ESPERANÇA

José Adriano Filho

Nossas visões, estórias e utopias não são somente estéticas. Elas nos engajam.

(A. N. Wilder)

O Apocalipse provoca diversas interpretações. Todas demonstram o fascínio que esse livro exerce sobre os mais diferentes grupos na história da igreja cristã. Isto gerou obscuridade e levou a interpretações literais desde Irineu (século 2 d.C.) até Hal Lindsey (A Agonia do Grande Planeta Terra). Além disso foi uma referência para os vários movimentos milenaristas e introduziu o sentido catastrófico do adjetivo "apocalíptico". O aspecto aterradorizador da sua escatologia foi muito mais acentuado do que o promissor e serviu para a formação do que Jean Délumeau chama de "cristianismo do medo".

Os leitores encontram dificuldades na sua leitura, principalmente porque suas imagens não são familiares. É um livro rico em símbolos e visões (sonhos, êxtases, epifanias, viagens ao céu, discursos angélicos, diálogos com revelação). São imagens difíceis de ser ligadas a uma seqüência histórica específica de eventos do passado e presente, pois o livro não foi escrito para ser um mapa do futuro. Estas imagens são melhor entendidas como expressões poéticas das experiências e esperanças humanas.

Outra característica importante do Apocalipse é ser cuidadosamente planejado com claras indicações de todo o seu plano e apresentar uma estrutura definida e coerente. Esta consiste num desenvolvimento linear crescente, com três séries de julgamentos escatológicos (selos, trombetas, taças) que

anunciam a destruição de todos os poderes hostis a Deus. Nestes julgamentos em séries de pragas, uma não é mera repetição da anterior. As duas primeiras são parciais, mas a última série, a das taças, não. Nesta, as pragas são uma a uma radicais, completando o que não foi atingido nas duas primeiras. Com ela consuma-se a ira de Deus, cujo juízo atinge o clímax tendo como objeto a grande Babilônia (Ap 16.17-19,10).

O Apocalipse apresenta o julgamento da Babilônia, mas ao mesmo tempo a nova Jerusalém, a sua grande utopia (Ap 21.1-22,9).

Para compreender a sua mensagem, devemos considerar que duas entidades sociopolíticas estão em primeiro plano na reflexão político-teológica. Babilônia e nova Jerusalém representam duas maneiras diferentes de olhar a realidade e refletir teologicamente.

"Vi também uma besta que subia do mar" (Ap 13.1)

A opressão como tribulação experimentada nas comunidades do Apocalipse tem como seu principal agente a Babilônia, que pode ser identificada como a contemporânea Roma. Ela é descrita principalmente nos capítulos 13, 17 e 18. É a grande cidade que domina sobre os reis da terra, tem autoridade sobre toda tribo, povo, língua, nação, e recebe homenagem dos habitantes da terra. Tem um poder de violência que impressiona e encontra seus adeptos, participantes e propagandistas. É também descrita como uma "prostituta" visitada pelo reis. Isto refere-se às suas alianças políticas, à idolatria e também ao envolvimento com seu comércio.

A idolatria, na forma do culto ao imperador, e o luxo da cidade são estigmatizados na imagem da cidade como a grande meretriz. O próprio nome Babilônia para a prostituta é uma qualificação negativa. Este nome tornou-se uma designação do poder mundial opressivo, hostil a Deus e a seu povo, pois foi a Babilônia que destruiu Jerusalém e conduziu o povo de Deus para o exílio. Mas esta, como inimiga do povo de Deus, sofreu o seu juízo e o mesmo acontecerá com a atual Babilônia.

Estas imagens, por um lado, descrevem a Babilônia, e por outro, dão as razões para a sua queda. Isso também acontece quando ela é descrita como riqueza e fonte de riqueza para os mercadores e marinheiros. Quando a cidade é destruída, reis, comerciantes e marinheiros olham para as suas ruínas fumegantes, chorando e lamentando. Unidos à cidade na sua rapina, agora também compartilham da sua derrocada.

Riqueza, orgulho blasfemo, atitudes arrogantes e obras injustas estão unidos num mesmo comportamento em passagens que expressam principalmente a certeza de que Deus derruba os soberbos e os injustos. Neste sentido, o texto constitui uma crítica ao poder romano que atribua eternidade e universalidade à sua dominação.

A Babilônia, portanto, como um símbolo do inimigo de Deus e do seu povo, vem ao fim. Dessa maneira se consuma a justiça de Deus, realizada em forma de uma inversão escatológica entre a Babilônia e a comunidade sofredora (Ap 18.6-8). Nesta inversão está presente o tema de vingança, pois o sofrimento da comunidade dos justos será vingado (Ap 6.9-11).

Com a derrocada da Babilônia, "santos, apóstolos e profetas são convidados a se alegrarem, pois sua causa foi julgada". As más ações devem atingir aqueles que as praticaram, e aquilo com que a Babilônia cobriu a terra precisa recair sobre ela. Babilônia/Roma é apresentada no passado porque Deus já detém a soberania.

E vi um novo céu e uma nova terra (Ap 21.1)

A realidade, experimentada como tribulação pelas comunidades, exige a interrupção da presente história. Não se sonha com a transferência para o céu, nem com a saída da terra. O novo esperado é algo no qual elementos da nova criação perpassam a antiga. Novos céus e nova terra são criados.

Do céu vem a nova Jerusalém que é a culminação vitoriosa do livro. Ao ser descrita como noiva e esposa, é apresentada com um símbolo bíblico que originalmente referia-se à restauração da Jerusalém histórica, anteriormente destruída. Como noiva e esposa, não só de Deus, mas também do cordeiro, a imagem indica que a comunidade dos fiéis está ligada a Deus e a Cristo em intimidade,

fecundidade e fidelidade. Essa nova cidade define-se em referência a uma nação, a um povo, mas sobretudo em termos desta relação, o que contrasta com Babilônia/Roma.

A cidade é também descrita como templo e paraíso. A nova criação ocorrerá após a destruição cósmica, que é necessária, pois a ordem tornou-se desordem na experiência de vida das comunidades. A força do caos precisa ser submetida antes que a nova criação, que ultrapassa a primeira ordem das coisas, possa ser estabelecida.

O Apocalipse apresenta um modo de resolver o caos experimentado por suas comunidades. É por isso que a leitura do livro ajuda a reconhecer o tempo que ainda resta e a sair-se bem nele. Como uma obra de literatura marginal, suas imagens de esperança trazem consolo aos fiéis. Estes são exortados a não participar da vida comum, pois isto significaria cumplicidade com o poder opressor (Ap 18.4-5). Isto lhes custa o isolamento social, e a sua fidelidade a Deus coloca a vida cristã numa situação de tal marginalidade que pode chegar até a morte (Ap 13.9-10). Os vencedores são os que perseveraram, são "fiéis até à morte" e "sustentam o testemunho de Jesus".

O Apocalipse, apesar de mostrar a dificuldade nas atuais circunstâncias, e ter a perspectiva de que coisas muito piores acontecerão nos últimos tempos, não está marcado pela falta de esperança. Ao contrário, afirma a certeza da presença de Deus no meio de toda a tribulação e a confiança na sua intervenção na história.

As seções hínicas do livro cantam o poder de Deus e de Cristo, indicando a um horizonte litúrgico, em que as comunidades rememoram e reafirmam a grandeza de tal poder.

O Apocalipse, portanto, é um livro que consiste na resposta às comunidades sofredoras e oprimidas. Retomando os profetas e a memória libertadora de Jesus, interpreta os acontecimentos a seu redor. Quando apresenta a destruição da potência opressora, lança seu projeto da nova Jerusalém, a sua utopia.

Anunciando a destruição da Babilônia/Roma, condena a opressão e incentiva as comunidades à fidelidade transmitindo-lhes esperança. Essa esperança aponta para a ação de Deus na história e para a libertação que está próxima.

Tudo isso é "memória subversiva e fonte de esperança para os povos crucificados". Quando olhamos para a América Latina, sabemos onde estão os crucificados! Neste contexto, mais do que nunca, o Apocalipse resgata a importante mensagem de esperança.

José Adriano Filho é mestre em Ciências da Religião, membro da equipe do Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI/Centro Ecumênico de Documentação e Informação.

JEITOS BÍBLICOS

Caracterizando o movimento bíblico

Tilton Schwantes

Bíblia já tem história na América Latina. Mas, são as últimas décadas as que trouxeram especiais inovações. Não que agora tenhamos a verdade. No entanto, parece que estamos dando passos de qualidade.

É que a Escritura vai entrando em contato estreito com a gente daqui. Este é o novo: o encontro da história índio-afro-latino-americana com a Bíblia. Na verdade, estamos tão-somente nos começos desse encontro: a Bíblia chega às veias abertas de nossa gente.

Deste novo canto, só o começo conhecemos. Mas, a menos, a este auscultamos. Tem lá seus sons, diversos mas em sintonia.

CÍRCULO BÍBLICO

em grupo que se lê a Bíblia. Assim o experimenta a comunidade local. Assim o percebo no ensino acadêmico. É também o que se passa quando as bibliotecas se encontram. A leitura grupal é a que pressiona o novo jeito de ler.

O que não é comunitário, a rigor, ainda não é novo. Os conteúdos propagados até podem ser deficiadores, atuais, sociais, mas se não estão inseridos no comunitário, ainda não se arriscaram ao passo decisivo.

Neste jogo estamos. Não digo que já o tenhamos concluído. Mas, já o plantamos. E vai crescendo, e vamos aprendendo.

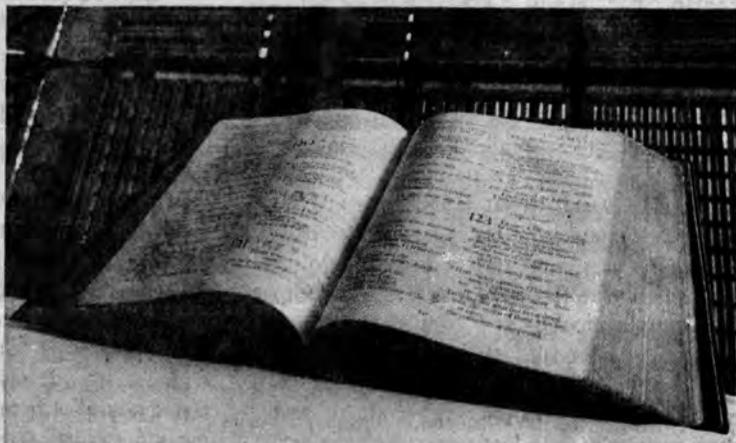
Mas, de todo jeito, sem círculo bíblico a roda não anda, por mais que a empurremos.

POBRES

Estes é que dão o tom. Se a Bíblia virou canto por todos os cantos latino-americanos, então porque os pobres dela se adonaram. É eles que a vão cantando.

Um tema predileto de começo foi o dos pobres. Mas, até que não é de hoje. Já está em Las Casas e outros tantos. Leitura que seja daqui tem os oprimidos como núcleo. Isso é como água em casa. É preciso, faz parte.

A rigor, pobre não é tema. Isso só é um jeito sajeitado de falar. A experiência mesmo é que os



Peter Williams / CMI

grupos populares vão dando sentido à Bíblia. Vão fazendo das histórias que ouvem, que vêem desenhadas, que lêem suas próprias histórias, dando-lhes suas interpretações. A Bíblia mais gostosa é aquela que os pobres mesmos vão fazendo, em suas histórias e em suas explicações.

Nada disso está pronto. E quem achar que já está, ainda nem começou. É um acontecimento contínuo. É permanente este discipulado.

ROSTOS VÁRIOS

E aí, na vida de cada via, você conhece pobres? Em parte sim, em parte não.

A miséria e a fome alastram. E aí a gente vê, experimenta: Os pobres são quem mais sofre. Essa economia que aí está, que até parece não ir a parte alguma, vai sim, e vai contra os pobres. Aí faz sentido falar de pobres.

Mas, assim ao conviver com pobres, você, no cara a cara, não os encontra. O que encontra são rostos diversos: de crianças e velhos, de mulheres e homens, de negros e brancos, de índios. Cada um, cada uma é tão diferente. Em sua diferença enfrentam, no dia-a-dia, de modo mui peculiar sua vida, sua dor, sua miséria.

A Bíblia é concreta. Não é ideologia que só bate na cabeça. É experiência em detalhe, nas minúcias da vida.

E nisso estamos, nesta Bíblia concreta dos rostos e dos corpos diferentes. Também aí vamos a caminho. Com rumo, sim, mas ainda sem ponto para descer da condução, para baixar do ônibus.

REDES

Veja, tudo isso está a caminho. Não é seu nem meu. É sopa que todos mexem, todos salgam, todos degustam. E, no fim, sai gostosa que só. Quanto mais gente se põe a participar, mais gosto assume a sopa. Milagre!

Não é coisa que alguém inventou e agora se apropriou. É caminho, é grupo, é conselho.

Daí porque esta nova leitura funciona mesmo na base da rede, do compartilhar, da interajuda.

Nas comunidades, pequenas e concretas, você lê a Bíblia. Para que isso tenha mesmo gosto, vai ver que precisa de um dia de partilha. Reúne-se a gente toda de muitos círculos bíblicos e cada qual conta, encena, desenha e canta como foi sua leitura lá na vila tal, no barraco, no casebre... E é aquela alegria, este dia da Bíblia, esta festa bíblica, ou que outro nome se inventa. E é em tal rede que está a beleza, a força.

E outros mais estão nesta experiência. Por toda parte, alguém se põe a caminho. Logo, vamos compartilhar. E a rede aumenta, aumenta. É muita gente fazendo muita rede. E é assim mesmo essa coisa de Bíblia.

LATINO-AMERICANO

E esse jeito vai pegando. A coisa é como vento. Espalha tudo. E, enfim, ninguém sabe onde está. E é verdade, essa leitura comunitária, com os pobres em seus tantos rostos está por toda parte. É mesmo ecumênica. E não está organizada!

E isso dá um tom todo especial, pois se estivesse tudo assim organizadinho, então sim se poderia explicar. Mas, não é. Não há chefias, nem amarras, ou organismos, e coisas desse tipo que dêem garantias e façam funcionar tudo nos esquemas.

Não quer dizer que seja tudo assim espontâneo, mero acidente. Por certo que não. Dioceses inteiras vestem esta camiseta. Igrejas em seu todo o tornam prioridade. Centros ecumênicos se devotam aos estudos bíblicos. Grupos de trabalho se esforçam em insistir na Bíblia. Ordens religiosas priorizam o bíblico. Um amigo me dizia: "Quando decidimos ir pela Bíblia, mudamos toda a paróquia".

Por detrás do movimento bíblico há mesmo esmero, empenho, instituições inteiras devotadas e esforçadas. E ainda assim nenhuma organização dessas é dona do pedaço.

TRIBO

Lá na Bíblia, a tribo dá o exemplo. Em suas famílias, quem decide, realiza. Nas tribos, quem propõe assume e faz o que pode.

Um pouco assim é nas coisas da Bíblia. A gente se desacostuma a decidir para que outros façam.

Tudo existe, porque pessoas suaram a camiseta, puseram o avental e enfiaram a mão na massa.

Quando nos reunimos lá na comunidade local, decidimos, outro dia, ler Jonas. E fomos realizando nossa intuição. A gente é que queria e a gente é que teve que arcar com todas as conseqüências. E foi bonito. Foi que foi.

Bíblia é mesmo desse jeito. Se você quer entrar na brecha, enfie o pé e vá em frente. Não espere que dêem licença, que convidem, que convoquem... Quem espera, vai continuar sentado.

Cada tribo faz o que pode. Pouco, por certo. Mas de tanta tribo que já há por aí, já se faz muito.

ECUMÊNICO

É ecumênico! Sabe? Mas, isso até que não chega a ser um tema. É que a Bíblia ainda não conhece essas tantas igrejas que por aí temos, cada uma às vezes se achando mais verdadeira. Então indo pela Bíblia a gente, nesse mergulho, até esquece, ao menos por uns tempos, as tantas divisões. Depois, lá nas comunidades, a Bíblia une, junta, gente de igrejas diversas. Que beleza!

Bíblia é como conversa de ônibus. No caminho, a gente se dá a conhecer. Pois o trajeto é longo.

Como que ao natural a gente se explica: Olha, estou indo pra "terra que mana leite e mel"... Trajo junto umas comidas e umas rezas pra alimento de viagem...

Mas tais coisas não dividem. Juntam. É que na viagem, um se aproxima do outro, tem gosto na prosa de quem está a seu lado.

É de caminho este ecumenismo. Daí é bíblico.

CAMINHANDO E CANTANDO

Dizia no começo que o novo jeito de ler a Bíblia, entre nós, está ligado ao círculo bíblico. Mas não há grupo bíblico que só leia. Isso seria coisa de banco de escola.

Na verdade, a Bíblia vai carregada pelo canto, pela encenação, pela liturgia, pela festa. Vem embulhada em tanta coisa que às vezes até nem é tão central.

Círculo bíblico que só fala não dura muito. O povo diz: "Ah! aprendi muito". Mas, com certeza, quando diz "aprendi", é porque não gostou. Não correspondeu à vida.

Bom é o caminho bíblico, quando vai com canto, com cenas e liturgias.

Afinal, Bíblia é poesia, é conto cantado, é liturgia.

Milton Schwantes é biblista e teólogo, e integra o Programa de Assessoria à Pastoral (CEDI).